

Para castigar o Rio?

Barbosa Lima Sobrinho

A transferência de uma capital não implica na mudança total de todos os atributos da cidade, que antes exercia essas funções. Basta lembrar o exemplo de Washington, que está longe de ser a capital econômica, ou até mesmo cultural dos Estados Unidos, superada, nesses aspectos, pela cidade de Nova York, e pelos centros universitários distribuídos em todo o seu território. Na Austrália, a capital Canberra não faz sombra a Sidney. Serve apenas de capital política e administrativa, deixando a Sidney outras tarefas, como no momento atual se verifica, com a realização, na ex-capital, do jogo final em comemoração do centenário nacional.

O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil durante quase dois séculos, de 1793 a 1960, data da inauguração de Brasília. Durante esse longo período, foi servindo de sede a instituições de sentido e significação cultural, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Nacional de Medicina, a Academia Brasileira de Letras. Também no Rio de Janeiro se instalou a Biblioteca Nacional, em que se abrigaram coleções preciosas de livros e documentos. No Rio de Janeiro, por exemplo, encontramos o Arquivo Nacional, instalado ultimamente em prédio próprio, adaptado para esse objetivo, sob a direção competente de Celina Moreira Franco. Figura também nessa categoria de instituições nacionais a Associação Brasileira de Imprensa. Será que se pretende transferir, para Brasília, todas essas entidades, valorizadas, todas elas, pela tradição dos grandes serviços prestados a toda a Nação?

Brasília não foi criada para exercer todas as funções que vinham cabendo ao então Distrito Federal, situado no Rio de Janeiro. É fácil imaginar que nunca terá condições para disputar, por exemplo, a São Paulo a significação de capital econômica, enquanto ficará com o Rio de Janeiro lutar pela continuação de capital cultural do país, manifestada, aliás, na circulação de seus jornais mais importantes. E o que dá maior importância à Academia da Avenida Presidente Wilson não é ser uma instituição destinada ao cultivo das letras, mas o de poder exibir a condição e o título de Casa de Machado de Assis. Como, no Instituto Histórico, a presença da cadeira em que se sentava o Imperador Pedro II, nas sessões a que não costumava faltar. Como os grandes nomes da medicina brasileira que passaram pela respectiva Academia. Uma entidade de jornalistas precisará da contribuição do tempo, para rivalizar com a ABI, na gloriosa função de Trincheira da Liberdade.

E também o que acontece com a Biblioteca Nacional, cujos problemas de espaço acabam de ser resolvidos, com a entrega do prédio da Cobal para nela instalar as suas coleções de jornais. O projeto de mudança para Brasília não é apenas um erro, mas um crime contra as tradições brasileiras. Não é necessário falar, numa fase inflacionária, nas despesas enormes dessa transferência, no imenso sacrifício de livros e documentos que o tempo foi gastando. Mais grave do que tudo é privar o Rio de Janeiro de mais uma biblioteca, entre tantas que já perdeu.

Basta considerar que já foram para Brasília as bibliotecas do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal Eleitoral. Foi também para lá a excelente biblioteca do Ministério da Justiça, tão freqüentada pelos estudantes de Direito do Rio de Janeiro. Outras seguiram também, com os respectivos Ministérios. E Brasília já possui, além dessas, com a coleção de livros adquiridos pela sua Universidade, e tem, ao seu dispor, verbas que escasseiam em instituições que estão mais longe do poder central. E o que se pode recomendar a autoridades mais interessadas no progresso de Brasília é a criação de uma Biblioteca do Congresso, reunindo o excelente acervo da Câmara e do Senado Federal, para seguir os exemplos de sua admirável congênere de Washington, uma das melhores de todo o mundo, pelos serviços que presta à comunidade dos estudiosos. Uma iniciativa dessa espécie concorreria para o progresso de Brasília, sem desfalar o Rio de Janeiro das funções culturais que constituem a sua melhor tradição.

Bastaria comparar a freqüência da Biblioteca Nacional da Avenida Rio Branco com a de bibliotecas existentes em Brasília, para chegar à conclusão de que não adiantaria despir um santo para vestir outro, sem levar em conta os títulos à santidade. A atividade cultural de Brasília já está concentrada na sua excelente Universidade, que dispõe de uma grande biblioteca e vem prestando admiráveis serviços aos estudantes de nova Capital. Por sinal, as bibliotecas não se formam apenas com estantes cheias de livros. Recomendam-se também, e principalmente, com as pesquisas que promovem ou estimulam. Nem foi para outro destino que surgiu a Universidade de Brasília, no admirável projeto de Darcy Ribeiro. Que sentido teria, por exemplo, levar para Brasília a coleção de Murilo Mendes, construída, toda ela, no ambiente carioca? A vida, para ela, está na sua integração na cidade em que se foi formando.

Assim também a mudança, para Brasília, do acervo da Biblioteca Nacional, daria a impressão de um projeto de inimigo dos livros, distanciando-a dos grandes nomes que exerceram a sua diretoria, até chegar a Maria Luisa Barroso. Eu ainda convivi com Rodolfo Garcia, Eugênio Gomes, José Honório Rodrigues, Josué Montello e neles encontrei colaboração constante para os estudos que realizava. E encontrei ainda a tradição dos trabalhos de Ramiz Galvão, Vale Cabral, Capistrano de Abreu.

Será que se está pensando realmente em favorecer Brasília? Ou está presente o desejo de esvaziar e de punir o Rio de Janeiro por continuar a ser, apesar da mudança da capital, uma espécie daquele tambor do Brasil, de que falava Getúlio Vargas?

Na verdade, no Rio de Janeiro se elabora o pensamento nacional, liberto de influências paroquiais que o desnaturam e prejudicam. Confrontemos os 197 anos do Rio de Janeiro, como capital, com os 28 anos de Brasília. E continuemos a servir ao Brasil, lutando para que, no Rio de Janeiro, continue viva, e atuante, a função cultural, que o tornou presente em todos os lares brasileiros.